

NARRATIVAS DE VIDA E ANÁLISE DO DISCURSO

Adriana Rodrigues de Sousa (UFPI)
adri_adrirodrigues@hotmail.com

João Benvindo de Moura (UFPI)
jbenvindo@ufpi.edu.br

RESUMO: O estudo da condição feminina através da linguagem, a construção de seus modos de vida e de sua identidade, a partir de sua experiência pessoal e social torna-se um eixo de referência para a compreensão dos discursos acerca de mulheres que vivem em condição de vulnerabilidade social, construídos através de suas próprias vivências. As narrativas construídas através de entrevistas de cunho etnográfico possuem uma função social bastante significativa, pois dialogam com as observações do pesquisador, possibilitando uma maior compreensão do espaço, bem como do sujeito pesquisado e de sua trajetória de vida. Nesta pesquisa, objetivamos analisar o *ethos* e os imaginários sociodiscursivos em entrevistas realizadas com três mulheres adictas em recuperação, internas da Casa das Samaritanas, um espaço de acolhimento feminino, na cidade de Parnaíba-PI. A partir das observações e análises, o estudo visa expressar, através de um contexto discursivo particular vivido por cada sujeito entrevistado, uma visão de mundo singular que se manifesta e materializa na linguagem presente nas narrativas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, por considerar aspectos subjetivos, por abordar representações sociais, crenças e opiniões relacionadas a um meio social. Por se tratar também de uma pesquisa de campo, que estabelece relações com pessoas, faremos uso da etnografia. Nos ancoramos na Teoria Semiociológica, de Patrick Charaudeau (2016; 2018), utilizando como categorias de análise, os Imaginários Sociodiscursivos e o Modo de Organização do Discurso Narrativo. Lançamos mão, ainda, das contribuições teóricas de MACHADO (2018) e AMOSSY (2016) e MINAYO (2012). Os resultados parciais apontam para uma avaliação mais profícua do discurso acerca das crenças, hábitos e valores, entre outros aspectos, de mulheres que vivem na condição de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Narrativas. Discurso. Semiociológica.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, ancorado na Análise do Discurso Semiociológica, visou analisar o *ethos* e os imaginários sociodiscursivos, em entrevistas etnográficas realizadas com três mulheres dependentes químicas, em recuperação, internas da Casa das Samaritanas, uma entidade de acolhimento feminino, na cidade de Parnaíba-PI. As entrevistas constituíram-se em narrativas de vida que traçaram perfis

de sujeitos do discurso que se desdobraram em diferentes vozes sociais, destacando também suas peculiaridades.

Percebe-se que, historicamente, no Brasil, os discursos sobre o papel da mulher na sociedade permeiam o imaginário sociodiscursivo da população. As temáticas sobre a sexualidade, o aborto, os papéis sociais, a inserção no mercado de trabalho, a participação na política, atravessaram os séculos ocupando lugar de destaque nas trocas languageiras. Embora se reconheça as muitas conquistas femininas ao longo do tempo, o atual estado de crise pelo qual atravessa o país, fez com que os discursos misóginos ressurgissem com uma força avassaladora. Se por um lado, muitas mulheres ocupam posições de destaque, outras continuam em situação de vulnerabilidade social.

No Brasil, a figura da mulher nesta última situação, relaciona-se, majoritariamente, com a pobreza. Apesar da diminuição da desigualdade de gênero na década de 1990, as mulheres ainda realizam uma série de atividades não remuneradas como “donas de casa”. Por isso mesmo, há uma relação clara de desigualdade acerca da divisão do trabalho entre homens e mulheres. (Gomes e Pereira, 2005). Consideramos que toda essa problemática social se instaura através da linguagem e que esta é concebida como a forma material do discurso, que, por sua vez, consiste na forma material da ideologia. Em virtude dessas constatações, pretendemos investigar, a partir do ponto de vista linguístico-retórico-discursivo, como essas mulheres enxergam a si mesmas e como veem o mundo que as cerca.

Temas sociais como a violência e a dependência química se constituem como material concreto e real nesta pesquisa em que os sentidos emergem das relações estabelecidas entre a vida das internas antes de morarem na Casa e a narrativa construída por elas, através das entrevistas, durante o processo de tratamento da adicção, termo relacionado à dependência química, utilizado pela entidade, no processo terapêutico de recuperação das acolhidas.

O discurso feminino, de uma forma geral, tem sido objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento. Em Nogueira (2006), encontramos um importante ensaio sobre o discurso de mulheres em posições de poder, estabelecendo uma articulação da psicologia com as teorias feministas e com perspectivas de cidadania. Rocha-

Coutinho (2006), por sua vez, apresenta um estudo mais amplo, relacionando os estudos de gênero, a narrativa oral e a análise do discurso.

Nos ancoramos na Teoria Semiollingística (CHARAUDEAU, 2016; 2018), utilizando como categorias de análise, além do ethos e dos imaginários sociodiscursivos, o modo de organização do discurso narrativo. Lançamos mão, ainda, das contribuições teóricas de Machado (2018), Amossy (2016), dentre outros. Tomando como base esse dispositivo, identificamos, através de entrevistas etnográficas, levando em conta as circunstâncias dos discursos que fundamentaram os imaginários sociodiscursivos construídos acerca da mulher e os elementos narrativos que contribuíram para a construção do ethos discursivo.

2 A ANÁLISE DO DISCURSO SEMIOLINGUÍSTICA

A Análise do Discurso Semilinguística (doravante ADS) é uma vertente da Análise do Discurso Francesa, desenvolvida pelo linguista francês, Patrick Charaudeau, a partir de sua tese de doutorado, na década de 1980. Dentre as diversas correntes da AD, a teoria charaudeana se distingue por concepções teóricas e metodologias através das quais, entendem que o discurso depende das condições da enunciação e dos interlocutores para quem é dirigido esse discurso. Charaudeau (2016) evidencia o papel do sujeito como a base de todo ato de linguagem. A significação do mundo é dada pelo material linguageiro da comunicação o qual representa a realidade parcialmente ou em sua totalidade.

Charaudeau (2016) apresenta o campo semiollingístico integrando duas antinomias que explicam que “o ato de linguagem não pode ser concebido de outra forma a não ser como um conjunto de atos significadores que falam o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão” (CHARAUDEAU, 2016, p. 20). Nessa perspectiva, considera-se uma relação de convergência entre a Semiótica e a Linguística elucidando que uma análise semiollingística é Semiótica porque seu objeto de estudo se organiza em uma intertextualidade e é Linguística visto que o instrumento utilizado para análise de seu objeto se constitui a partir de uma conceituação de fatos que permeiam o universo da linguagem. A referida teoria deu origem ao que hoje poderíamos chamar de Análise do Discurso Semiollingística (ADS), na perspectiva de Machado (2016).

Conforme Moura (2012), a linguagem produz sentidos variados, visto que, exerce a função de corresponder a intenções determinadas, decorrentes das interações entre os sujeitos. Segundo Machado (2016), a maneira de se analisar o discurso na TS, se incorpora em uma concepção pragmática vinculada a uma dimensão psicossocial, conciliando nessa combinação, os elementos que compõem a citada teoria e a torna interdisciplinar.

Charaudeau (2016), em seu livro “Linguagem e discurso: modos de organização”, no capítulo “Problemas de abordagem na análise do discurso”, define a semiolinguística como um campo que integra duas antinomias: “do que nos fala a linguagem” e “como nos fala a linguagem” (p. 20, grifos do autor). Estabelecendo uma relação com nosso objetivo de pesquisa, que busca analisar, dentro dos aspectos linguísticos, as estratégias do discurso e como estas condicionam à construção dos imaginários sociodiscursivos e ethos, faz-se necessário dizer que, nessa linha, o analista, ao se deter sobre o discurso (do que nos fala a linguagem), tem como finalidade, identificar as intenções e as estratégias discursivas adotadas por quem as produz (como nos fala a linguagem), levando em conta os componentes da situação comunicativa. Essa esfera situacional, articulada entre os aspectos linguísticos e discursivos é que proporciona uma significação efetiva do estudo da língua e a constituem como fator social. Para Charaudeau:

[...] uma análise semiolinguística do discurso é Semiótica pelo fato de que se interessa por um objeto que só constitui em uma intertextualidade. Esta última depende dos sujeitos da linguagem, que procuram extrair dela possíveis significantes. Diremos também que uma análise semiolinguística do discurso é Linguística pelo fato de que o instrumento que utiliza para interrogar esse objeto é construído ao fim de um trabalho de conceituação estrutural dos fatos linguageiros. (2016, p.21)

A partir dessa afirmação, entendemos que a semiótica e a linguística se completam, ou seja, se integram e se fundamentam, por isso são necessárias aos estudos do campo semiolinguístico. Segundo Procópio (2008), a Análise do Discurso Semiolinguística leva em consideração alguns fatores que restringem e caracterizam as estratégias utilizadas no estudo dos gêneros discursivos: situação de comunicação, a identidade e os papéis dos parceiros, a finalidade do ato comunicativo, as expectativas da interação, a tematização, e as características estruturais do texto.

Dentre os principais postulados da ADS estão o ato de linguagem, as circunstâncias de discurso, o processo de semiotização do mundo, as estratégias discursivas, o contrato de comunicação, a situação de comunicação, os sujeitos da linguagem e os imaginários sociodiscursivos. Faz-se necessário destacar que, somente alguns postulados foram incluídos neste estudo, e, é sobre eles que discorreremos a seguir.

2.1 OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO E AS NARRATIVAS DE VIDA

Segundo o que é preconizado pela Teoria Semiolinguística, o discurso é analisado, a partir de três dimensões: a situacional, a discursiva e a linguística. Desse modo, o sujeito falante organiza as categorias linguísticas, conforme as finalidades discursivas da encenação comunicativa. No que tange a dimensão discursiva, Charaudeau (2016) apresenta os modos de organização do discurso, estabelecendo quatro modos de organização: o enunciativo, o descritivo, o narrativo e o argumentativo. Cada um deles apresenta uma função de base que se trata da finalidade do falante de narrar, descrever e/ou argumentar e um princípio que organiza a encenação e os demais, definindo a maneira com a qual o sujeito se posiciona: o modo enunciativo.

Considerando-se a natureza do nosso corpus, constituído por memoriais que se configuram como narrativas de vida, daremos ênfase ao modo narrativo proposto por Charaudeau, entendendo que as narrativas apresentadas possuem traços de outros modos. No entanto, a predominância dos componentes e procedimentos deste modo, justifica nossa escolha.

O MOD narrativo, de acordo com a proposta de Charaudeau (2016), concebe a realidade com base no desenrolar de ações sucessivas que exercem influência direta, umas sobre as outras. Para que uma narrativa se constitua, é necessário um narrador, que pode assumir o posto de contador, escritor ou testemunha. Esse narrador deve estar investido de uma intencionalidade diante de seu destinatário. O sujeito que narra assume um papel de testemunha com aquilo que é vivido, podendo encenar narrativas reais ou fictícios, definidas por meio de uma lógica que apresente princípio e fim. Esse modo caracteriza-se por uma dupla articulação: a organização lógica narrativa, na qual Charaudeau(2016) destaca os componentes da lógica narrativa; e, a organização da encenação narrativa, focada nos componentes do

dispositivo da encenação narrativa, articulando um espaço externo (extratextual) e interno (intratextual) considerando os seres de identidade social e discursiva, respectivamente.

Machado (2018) propõe uma interface entre a Análise do Discurso Semilinguística e os estudos de Narrativas de Vida. Segundo a autora, a maneira como os pensamentos, crenças e ideias se disseminam, divergem de sujeito para sujeito, já que cada um adota um estilo peculiar de fala ou escrita, dadas as circunstância que a vida os impõe. A atividade narrativa possibilita reflexões e transformações, colocando esses sujeitos como personagens de uma história real, ratificando ou retificando ações ocorridas ao longo da vida.

3 OS IMAGINÁRIOS NAS NARRATIVAS: OS SABERES DESVELADOS

O critério mais relevante para a delimitação desta pesquisa foi a situação de vulnerabilidade e a dependência química das mulheres entrevistadas. O vocábulo “vulnerabilidade” leva em consideração as distintas situações vivenciadas pelos sujeitos para caracterizar esta condição em três dimensões, conforme preconiza o ministério da Saúde (2004): a social, relacionada aos enfoques sociais do sujeito; a programática, que se refere ao entendimento acerca das dificuldades de prevenção e de acesso a serviços e, por fim, a vulnerabilidade individual relativa ao âmbito das crenças, comportamentos e práticas subjetivas. Segundo Charaudeau (2016), as representações sociais interferem na questão identitária do sujeito configurando, dessa forma, os imaginários sociodiscursivos que circulam em determinados grupos sociais.

É através da atividade da linguagem que cada grupo social estabelece e classifica seus objetos de conhecimento, conferindo-lhe valores, a partir de experiências vivenciadas. Os imaginários se constroem relacionando dados racionais e afetivos, a partir dos conhecimentos que temos do mundo, porém, não há total liberdade para o sujeito tematizar seu discurso. A situação de comunicação na qual está inserido o sujeito impõe a ele e seu interlocutor um certo propósito de acordo, na construção e intenção do discurso. Os imaginários sociodiscursivos não têm intenção de estabelecer verdade, mas, propor uma visão de mundo e analisar em qual situação

comunicativa eles se inscrevem de acordo com seus testemunhos, conforme propõe Charaudeau (2015, p.207):

Os imaginários sociodiscursivos circulam, portanto, em um espaço de interdiscursividade. Eles dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais.

Nesse sentido, o homem constrói seu saber, ao sentir a realidade que a ele se apresenta, através de um sistema de pensamento apreendido por ele no grupo social do qual faz parte. Partindo da noção de representação social, a qual arquiteta os sistemas de saber e fundamenta a noção e classificação dos imaginários sociodiscursivos, Procópio (2008) explica que esse conceito se constrói através de diversos saberes que estão presentes na sociedade. São eles que nos dão base para compreender os discursos circulantes no meio social e servem como argumentos para a criação desses imaginários. Há vários estudos, em diversas áreas, acerca do conceito de “representação social” como na Sociologia, Psicologia, Antropologia e na Análise do Discurso, sendo esta última, nossa área de maior interesse nesta pesquisa.

Conforme Amossy (2006), as representações são produzidas historicamente e têm como finalidade, produzir uma consciência e um mundo compartilhado internamente pela maioria dos indivíduos desse grupo social, fazendo com que o sujeito seja habitado por elas, de forma coletiva, condicionando-o a produzir uma significação desse mundo e de si mesmo.

A posição do sujeito e as condições de produção que permeiam a realidade por ele interpretada são os elementos que fabricam essa percepção do contexto no qual estão inseridos. As crenças, de acordo com o ponto de vista dos teóricos marxistas da ideologia, se materializam na linguagem e são construídas através desses modelos que exercem um papel de camuflar o real, impondo ao sujeito a percepção de uma realidade única. Um ponto de vista mais subjetivista que relaciona a objeção a mudanças e a contrariedade ao que é novo, a uma ideologia que executa uma função de orientação do comportamento de grupos sociais condicionando-os a essa resistência (CHARAUDEAU, 2015).

Segundo Spradley, a cultura é “o conhecimento adquirido previamente que as pessoas usam para interpretar experiências e gerar comportamentos” (p.5). É

necessário se compreender que essa pesquisa deve se configurar como um mecanismo de análise dos discursos sociais que precisam de um contexto definido possibilitando, dessa forma, uma compreensão do universo feminino e de suas reais necessidades, através dos saberes de conhecimento e de crença, dando a esses processos discursivos, uma interação com o mundo, enquanto realidade, e da linguagem como fator e produto social.

Os saberes sociais, constituídos a partir das representações se estruturam dentro do discurso, já que não existem fora dele, atuando como um meio simplificado de crenças e conhecimentos com o intuito de conduzir, de forma prática, a orientação e atuação dos indivíduos no mundo que o cerca. Conforme Charaudeau (2015), os saberes são maneiras de dizer configuradas pela linguagem e dependentes dela cooperando para a construção de um sistema de pensamentos. Ao discutir sobre saberes, enquanto representações sociais, o autor situa a noção de imaginários dentro do arcabouço da análise do discurso, em especial, na Teoria Semiológica. É através de uma racionalização discursiva que se constrói o real como um universo significado. São denominados de “imaginários discursivos”, no entanto, pelo fato de circularem no interior de um grupo social, são intitulados de “imaginários sociodiscursivos”.

De acordo com Charaudeau (2015), a construção dos imaginários sociodiscursivos se agrupa em dois tipos de saberes: os saberes de conhecimento e os saberes de crença, definidos pelo autor como:

Os saberes de conhecimento visam a estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo. Eles são oferecidos como existindo além da subjetividade do sujeito, pois o que funda essa verdade é algo exterior ao homem. Esses saberes dizem respeito aos fatos do mundo e à explicação que se pode dar sobre o porquê ou o como desses fenômenos. [...] Os saberes de crença visam a sustentar um julgamento sobre o mundo. Referem-se, portanto, aos valores que lhe atribuímos e não ao conhecimento sobre o mundo, que é um modo de explicação centrado na realidade e que, supostamente, não depende de julgamento humano [...] (p.197 e 198, grifos do autor).

De acordo com Procópio (2008), princípios relacionados à racionalidade e afetividade na simbolização do mundo e das relações que o permeiam corroboram os imaginários sociodiscursivos. Estes são criados e apregoados pelos discursos circulantes no meio social. Assim, os saberes de conhecimento e os saberes de

crença fundamentam as estruturas sociais, demarcando ideias e valores, construindo o real como universo de significação.

O modelo de relação determinante entre o sujeito e o mundo é o que diferencia, essencialmente, os saberes de conhecimento e os saberes de crença. No primeiro, o mundo se sobrepõe ao homem, a partir da verificação comprovada, relacionando os modos de ver e de dizer das ciências, por meio de teorias e procedimentos metodológicos (saberes científicos), fundamentando e legitimando um argumento; ou, experimentada e universalmente compartilhada sem compromisso com a comprovação acerca dos esclarecimentos e explicações do mundo. No segundo, o homem é que se sobrepõe ao mundo trazendo uma explicação deste, a partir do ponto de vista do sujeito, não sendo, portanto, verificável. Conforme Charaudeau (2015), a utilização desses saberes se dá por adesão dos indivíduos através de uma dimensão associada à *revelação*, num ambiente de explicações fundamentadas e reconhecidas fora do sujeito, sem comprovação, encaradas como verdadeiras pelo indivíduo e, associada à *opinião*, numa esfera em que um determinado sujeito se impõe ao mundo por meio de um engajamento, tomando partido para expressar um julgamento sobre os fatos do mundo.

De acordo com Charaudeau (2017), para haver uma justificação para uma adesão ao saber de revelação, é necessário que existam textos que confirmem e testemunhem essa verdade, de certa forma, “transcendental”, apresentando um atributo sagrado e absoluto. São as doutrinas (religiosas ou profanas) que desempenham esse papel de referência aos valores aderidos pelos sujeitos. “as doutrinas são um saber de opinião maquiado como saber de conhecimento e são usadas como modelo de pensamento e de comportamento para os indivíduos que vivem em sociedade” (SILVA, 2017, p.30). Segundo Charaudeau (2011), elas apresentam características em comum com as ideologias, já que, segundo o autor, essas últimas fundam um “conjunto de representações sociais” que se reúnem numa sistematização de convicções partilhadas.

Os saberes científicos ou de experiência não são completamente fechados, pois, podem ser colocados à prova e contestados a partir de uma nova teoria ou método que refute sua validade, ao contrário do saber de revelação, o qual é plenamente fechado acerca de uma evidência sustentada por enunciados de valor, aderidos pelo

sujeito, através de uma verdade revelada. Nesse sentido, podemos inferir que a ideologia é um sistema de pensamento heterogêneo, pois se constrói por saberes de conhecimento, como também, por saberes de crença.

No que tange os saberes de opinião, entendemos que sua construção se dá por motivações variadas e distintas, resultando de um movimento de apropriação de um sujeito acerca de um saber dentre aqueles que circulam em meio aos grupos sociais. A base de sustentação dos argumentos está em lógicas afetivo-rationais: necessidade, probabilidade, verossimilhança. Esse saber é, ao mesmo tempo, pessoal e social. Embora se trate de um julgamento de um sujeito específico, este faz uso dos saberes circulantes. Acerca destes “quando aparece sob uma enunciação generalizante, como no caso dos provérbios, máximas e ditados, o sujeito sabe que esse saber é discutível, comprovam o fato de que a todo provérbio responde um contraprovérbio” (CHARAUDEAU, 2017, p.584-585).

4 A CONCEPÇÃO DE ETHOS

O termo *ethos* se origina do grego “personagem”, designando a construção de uma imagem de si. O filósofo Aristóteles, em seus estudos sobre retórica, foi um dos precursores do uso do vocábulo, entendendo o *ethos* como uma imagem que o orador projeta de si com o intuito de influenciar seu auditório. O significado de *ethos*, em um sentido amplo, corresponde à noção de comportamento do locutor que o constrói baseando-se num conjunto de regras éticas que constituem e sistematizam a conduta do indivíduo em sua vida social.

Conforme Aristóteles (2005), o estudo do *ethos* na perspectiva aristotélica faz parte de uma trilogia de provas técnicas que compõem a arte retórica através do discurso. São três meios pelos quais se estabelece a arte da persuasão: *ethos*, que representa os fatores provenientes da moral do orador; *pathos*, prova que visa movimentar o auditório e aguçar suas paixões definindo como os oradores se apresentam aos ouvintes e, por fim, o *logos*, prova que consiste numa instância intelectual, a qual verifica o funcionamento dos argumentos lógicos em um discurso, ou seja, pelo que ele demonstra ou parece demonstrar. Para Moura (2015), na perspectiva da Análise do Discurso, é através dos aspectos linguísticos e discursivos que as análises evidenciam os modos de dizer do sujeito enunciativo na construção

do seu *ethos*. Faz-se necessário destacar que, dentre as categorias de provas apresentadas, somente o *ethos* será inserido nos estudos que envolvem esta pesquisa.

Segundo Maingueneau (2015), o termo *ethos* ficou obsoleto por algum tempo nas ciências sociais, no entanto, teve seus estudos retomados com grande repercussão, a partir dos anos 1980, incorporado aos trabalhos deste autor e de Oswald Ducrot, linguista e criador da teoria polifônica da enunciação, integrando o conceito de *ethos* ao próprio ato de enunciação, o qual viabiliza as informações sem relacioná-las ao sujeito previamente. Conforme Maingueneau, o que o surpreendeu e o fez constatar que o interesse pelo retorno desse conceito está em sintonia com o domínio das mídias audiovisuais, visto que, a partir da década de 1980:

O foco de interesse dos analistas da comunicação se deslocou, das doutrinas e dos aparelhos aos quais relacionavam uma “apresentação de si”, para o “look”. E essa evolução seguiu *pari passu* seguiu o enraizamento de todo processo de persuasão numa certa determinação do corpo em movimento; o que fica especialmente claro no domínio da publicidade, em que passamos o mundo da “propaganda” ao da “publicidade”: a propaganda desenvolvia argumentos para valorizar o produto, a publicidade põe em primeiro plano o corpo imaginário da marca que supostamente está na origem do enunciado publicitário. (2015, p.11)

As problemáticas referentes ao discurso e o interesse mencionado anteriormente, deram ao *ethos*, uma posição de primeiro plano em termos pragmáticos e discursivos. Diversos estudiosos justificam o interesse pelo *ethos* a partir da evolução da palavra como veículo de comunicação nas mídias, que obriga o uso de dispositivos diversificados quanto ao uso desta, nos enunciados que têm como finalidade construir uma imagem de si no discurso, adaptando-a às especificidades e condições da enunciação. De acordo com Procópio (2008), algumas concepções teóricas têm retomado esse conceito, baseando-se em Aristóteles, porém, trazendo novas abordagens com uma diversidade de usos para as ciências da linguagem como: a pragmática, a argumentação e o discurso.

Para Maingueneau (2015), estabeleceram-se algumas adversidades ligadas à noção de *ethos*, pois, embora haja um entendimento, a partir de Aristóteles, de que o *ethos* esteja vinculado ao ato de enunciação, entende-se que, o auditório pode construir imagens representativas do enunciador. Essa acepção vai ao encontro de

outras vertentes filosóficas, como a dos romanos que consideravam o *ethos*, um dado preexistente ao discurso. Ampliando os estudos ligados à noção de *ethos*, o autor justifica seu interesse em estudá-la, elencando duas razões para tal: “seu laço crucial com a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso que ela implica” (MAINGUENEAU, 2016).

No tocante às terminologias relacionadas a esta noção, apresentou-se uma distinção entre o *ethos* prévio (a imagem preexistente do locutor) e o *ethos* discursivo (a imagem que ele constrói em seu discurso). Há, para alguns, problemas de compreensão acerca da variedade de usos do termo e certa dificuldade em definir se o *ethos* pode assumir essa característica de “prévio” e “discursivo”, pois se tratam de elementos que se mesclam no processo de construção da imagem. Analisando esses dois níveis de *ethos*, Procópio (2008, p.34) compreende que “para que as imagens projetadas pelo locutor sejam legitimadas pelo auditório, é preciso que haja uma adequação, isto é, que elas sejam partilhadas pelos interlocutores e sejam admitidas como representações ancoradas socialmente”. Nessa perspectiva, podemos compreender que existe uma complementação entre essas noções que contribuem para a definição de um *ethos* não inteiramente espontâneo, dependendo, obviamente, das variedades de circunstâncias, de discursos e de visões de mundo compartilhadas pelo auditório.

Acerca dos debates entre as concepções de *ethos*, nos filiamos à perspectiva de Charaudeau (2015), para quem tal noção “relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê”. Nesse sentido, os dados que constroem a imagem do sujeito se ancoram ao que se sabe antes a respeito deste sujeito e o que se apresenta no ato de linguagem.

Charaudeau (2015) estabelece duas categorias de *ethos* que classifica como: *ethé de credibilidade*, fundada em um discurso da razão e *ethé de identificação*, fundada em um discurso de afeto. Os *ethé* de credibilidade se constituem como um efeito da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante, com o intuito de conduzir o interlocutor a apostar na dignidade desse sujeito. Dessa forma, ao analisarmos, através das entrevistas etnográficas, os discursos das mulheres, pretendemos identificar as imagens que estabelecem em função da razão e do afeto.

Há três condições que possibilitam a verificação para que um indivíduo seja avaliado como digno de crédito: a condição de sinceridade ou de transparência, que corresponde à possibilidade de comprovar que o que é dito coincide com o que ele pensa; a condição de *performance*, em que o sujeito apresenta os mecanismos para realizar a ação que promete e, por fim, a condição de eficácia que confere o efeito entre aquilo que é anunciado e aplicado pelo indivíduo (CHARAUDEAU, 2015). Entendendo que os discursos de mulheres na condição de vulneráveis veiculam sentidos distintos aos da política, produzindo outras imagens de si, nos baseamos numa classificação para elencar os *ethé* identificados nesses discursos, levando em conta, suas peculiaridades. Como é dito pelo próprio autor, “essa condições variam em importância de acordo com o que está em jogo em cada situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2015, p. 119).

Nessa perspectiva, ao analisar o corpus desta pesquisa, ratificando que se trata de discursos de mulheres que se apresentam como dependentes químicas, ainda assim, identificamos um *ethos* de seriedade, dentre outros que serão detalhados na análise, e um discurso de justificação, quando relatam a não intencionalidade do ato, por *ignorância, inocência, circunstâncias* ou *responsabilidade coletiva*. Corroboramos, assim, a afirmação de Charaudeau sobre essas variações de condições que possibilitam essas construções dos *ethé*.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, por considerar aspectos subjetivos por abordar representações sociais, crenças e opiniões relacionadas a um meio social. Ela leva em consideração todos os componentes de uma situação de comunicação em suas interações e influências recíprocas, ou seja, defende uma visão holística dos fenômenos estudados. Por se tratar também de uma pesquisa de campo, que estabelece relações com pessoas, fizemos uso da etnografia.

Para isso, consideramos necessário montar um *corpus* representativo, constituído por entrevistas gravadas com três mulheres moradoras da instituição. Para a realização da coleta de dados, seguimos os passos seguintes: observação participante, entrevistas etnográficas, narrativas e registro das atividades diárias

realizadas pela Casa, durante dois meses. As entrevistas foram realizadas entre os dias 02 e 10 de março de 2020. Para seleção da amostra, adotamos critérios tais como: idade, grau de escolaridade e o tempo no qual as internas estão na Casa. As entrevistas tiveram um roteiro previamente elaborado contendo os seguintes direcionamentos: falar sobre a condição econômica e familiar antes de entrar numa situação de vulnerabilidade social; acontecimentos que as levaram a essa condição; motivos que as fizeram buscar o acolhimento na Casa das Samaritanas; projeções para um futuro fora da instituição.

O roteiro auxiliou no sentido de conduzir as entrevistadas para que tivessem a possibilidade de se situarem dentro de suas próprias narrativas. Para efeito de anonimização, conforme preconiza o Comitê de Ética e Pesquisa da UFPI, os nomes foram omitidos, sendo substituídos por nomes de flores: Girassol, Orquídea e Tulipa.

6 OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS E A QUESTÃO DE GÊNERO

A Casa das Samaritanas surgiu com a finalidade de atender ao público feminino, visto que, em Parnaíba, não havia espaço para acolhimento de mulheres. A situação de risco na qual vivem, antes de chegarem à entidade, diverge do universo masculino. Nesse sentido, percebemos que as narrativas revelam imaginários sociodiscursivos que circulam na sociedade, por exemplo: para ter acesso às drogas, as práticas se diferenciam quando homens e mulheres são separados em grupos distintos. Os homens praticam roubos e furtos; as mulheres comercializam o próprio corpo: *“a oportunidade de ter o dinheiro na mão porque andava com traficantes”*; *“tive acesso...”*.

A oportunidade de ter o dinheiro na mão porque eu andava com traficantes e eu pude consumir porque eu tive esse acesso...**primeiro vem** o cigarro, **logo depois** vem a maconha, **vamos cheirar** um loló, **depois** do loló, **vem a cocaína e por final de tudo**, eu conheci o crack...que foi a minha derrota. (Orquídea)

De tudo, fumar cigarro, beber, eu comecei aos 13, 14 anos, adolescente mesmo, e o crack...eu conheci o crack, já tinha 18, 19 anos...foi quando o crack realmente chegou em Parnaíba. (Orquídea)

Procuramos demonstrar as sequências e os princípios narrativos que organizaram a fala das entrevistadas, mostrando uma cronologia contínua nas narrativas, com progressão e ritmo em expansão. Esses elementos nos informaram o quanto as lembranças estão arraigadas na memória das acolhidas configurando os saberes de conhecimento (nesse caso, saber de experiência) na explicação de como se dá o processo do vício, através de conectivos linguísticos: “*primeiro vem...*”; “*logo depois vem...*”; “*depois do loló, vem a cocaína...*” “*e por final de tudo...*”. A encenação narrativa revela parceiros e protagonistas inscritos numa situação de comunicação na qual o narrador conta sua própria história através de pontos de vista internos e subjetivos. Esses procedimentos dizem respeito à identidade das entrevistadas, da posição de vulnerabilidade na qual se encontram e as visões de mundo que elas constroem a partir disso. Todas são mães e, embora estejam numa condição vulnerável, não se abstém da responsabilidade que, ancorada nos saberes de crença de revelação, delegam à mãe o papel de cuidadora basilar. Esses saberes são revelados pelas ações que deixaram de ser realizadas ou passarão a ser.

Eu fumei, tava buchuda, **quando tive o menino fumei mais não...**parei de fumar...**depois do resguardo, fumei de novo.** (Girassol)

Arrumar uma casa pra mim. **Pra eu mais o meu filho.** (Girassol)

Quero ver meus filhos formados...eu tenho um sobrinho que tá em Goiânia fazendo doutorado em matemática e o maior sonho dele é eu tá lá com ele...(Orquídea)

Eu tô com as duas filhas minhas...vou levando a vida com as meninas. (Tulipa)

Os imaginários sociodiscursivos são construídos por diversos tipos de saber que respaldam os discursos que circulam em nosso meio social. Em nossa análise, o saber de crença de revelação ancorado em princípios, ideologias se destaca nos discursos das entrevistadas, pois entendemos que as subjetividades se constituem a partir de um universo partilhado e construído socialmente.

Os resultados apontaram para a construção de imagens antagônicas, visto que identificamos passagens que demonstram resignação, vergonha e impotência em outros momentos, empoderamento, esperança e superação. Estas imagens,

construídas a partir da ótica das mulheres acolhidas, forneceram elementos para um conhecimento e um reconhecimento delas próprias, fortalecendo suas identidades.

7 IMAGENS ANTAGÔNICAS: DA IMPOTÊNCIA À SUPERAÇÃO

Ao analisarmos um corpus cujos sujeitos enunciadores estão em situação de vulnerabilidade, seja ela qual for, é comum que nos deparemos com a projeção de imagens que oscilam entre a dor e a esperança. Considerando-se um universo composto por mulheres à margem da sociedade, tais imagens não são diferentes. Elas oscilam numa construção de imagens antagônicas, visto que, demonstram vergonha e impotência, outras vezes transparecendo empoderamento, esperança, superação.

“eu fumava não...antes. Quem me ensinou foi a doida...fumava mais a muié. Eu tava...tu sabe, num sabe?” (referindo-se a uma relação conjugal entre as duas). (Girassol, 21 anos)

“Antes, eu estudava... lá em Luís Correia, eu estudava...conheci o pai da minha fia, nós ficou junto morando...depois...chegou outra pessoa lá...essa pessoa... e me levou pra casa dela.” (Girassol)

“Foi coisa de juventude, colégio, amigos... vamos pra praça, vamos gasear aula, vamo fumar uma maconhazinha...(Orquídea, 44)

“Quando eu peguei a primeira barrigada eu parei de estudar, aí eu fui pra Esperantina...aí eu fiquei em Esperantina porque era pra mim fazer uns exames, tudo...aí, num voltei mais pro interior não... (Tulipa, 40)

Neste trecho narrativo inicial, percebemos alguns apagamentos no relato das acolhidas sobre acontecimentos pretéritos, visto que, a história se inicia a partir dos momentos iniciais do vício, com exceção de Tulipa que traz a primeira gravidez, com o marcador temporal “quando”, como um fator determinante para o que aconteceria depois: “Quando eu peguei a primeira barrigada...”. Girassol, ao atribuir a outrem a responsabilidade pelo início do vício, transparece um sentimento de vergonha e uma necessidade em justificar sua prática. O uso do advérbio “antes” explica e retoma algumas ações realizadas por ela, antes de se tornar dependente química: estudava na cidade de Luís Correia, lá, conheceu um homem com quem posteriormente teve uma relação conjugal e um filho. No relato inicial, Girassol cita uma mulher com quem

se relacionou atribuindo a esta, seu contato com o crack (uma droga ilícita, feita com o subproduto da pasta da cocaína). Dessa forma apresenta-se como agente não voluntário e impotente, pois não se mostra consciente do que a motivou ao consumo de entorpecentes. Orquídea atribui à juventude, como um período propenso a transgredir normas: “coisas de juventude” dando um tom aparentemente normal a esses acontecimentos da vida. O uso recorrente da forma verbal “vamos” denota impotência diante dos convites recebidos.

No tocante à organização do discurso narrativo, percebemos um sujeito *actante* que assume um papel *passivo*, *submisso*, diante dos acontecimentos que envolveram o uso de drogas ilícitas, agindo de maneira *involuntária*. Identificamos, com o uso do advérbio “não”, uma negação total ao uso de entorpecentes antes de conhecer sua futura parceira, no caso de Girassol, denotando uma reação de *fuga*. Podemos constatar isso, através das expressões “**me ensinou**”; “**me levou**”; “**vamos**”, que atribuem ações verbais à parceira de Girassol e amigos de Orquídea. Os *processos narrativos* que unem esses personagens reais apresentam algumas lacunas sobre tempo cronológico, faltando integração na sequência dos fatos, algo comum em relatos orais. As narrativas se constroem, dando ao sujeito *actante* (Girassol, Orquídea e Tulipa) o papel de *autor-indivíduo* que recebe uma *motivação intencional* por parte do pesquisador que objetiva dar voz a mulheres que vivem na condição de risco, expressando seus *pontos de vista objetivos e subjetivos* acerca da realidade que as rodeiam.

A postura das acolhidas diante do uso de entorpecentes revela um *ethos* de vítima, através de um discurso de justificativa.

“Ela comprou, aí me chamou pra fumar mais ela, eu não sabia o que era, aí...eu fumei.” (Girassol,)

Eu me afundei mesmo no crack e eu tinha possibilidades porque eu andava com traficantes, eu conhecia traficantes, eu conhecia muita gente, então...a possibilidade de ter, a facilidade de ter era maior (Orquídea)

“Quando eu fumava, eu jogava o resto no mato... engravidei dessa outra e abusei” (Tulipa)

No tocante à situação de Girassol, identificamos uma postura passiva, pelo uso de verbos de ação atribuídos a sua parceira. Ela reforça ainda, que realizou o ato, que

sabe que é ilícito, no entanto, não se culpa por ele. Fica nítida essa visão pelo uso do advérbio no final do enunciado: “antes eu fumava **não**”; “eu **não** sabia...” Identificamos, através desta postura, o *ethos* de vulnerabilidade na dimensão individual, já que manifesta *pontos de vista interno e subjetivo*, através do pronome “eu”, um sentimento de passividade, que a impedia de recusar a oferta, por estar envolvida emocionalmente com a parceira. Orquídea constrói um *ethos* de resignação, ao fazer uso recorrente do pronome “eu” e do advérbio de modo “*mesmo*”, assumindo a condição de dependente de drogas ilícitas: “eu me afundei mesmo no crack”, “eu tinha...”; “eu conhecia...”. Tulipa, por sua vez, não demonstra, em seu relato, dependência total, já que consumiu por um tempo e “abusou”. Identificamos um *ethos* de esperança e superação motivados pela gravidez da segunda filha.

Os relatos, por se constituírem em narrativas de vida que, trouxeram à tona lembranças de acontecimentos passados, fizeram com que as entrevistadas se emocionassem em alguns momentos:

Eu não caio mais não, caio não, eu...agora, me dá vontade é de fumar cigarro (referindo-se ao cigarro industrializado), droga, não! Pessoal me chama, me chama pra fumar, eu disse que caio não. Quero arrumar uma casa pra mim...pra eu mais o meu filho. Só mais ele, nós morar junto numa casa. (Girassol)

Me tratei, me cuidei, passei oito anos limpa e depois de oito anos, eu recaí...jamais cairei de novo, eu quero ver meus filhos formados. A Orquídea do futuro vai ser uma mulher mais madura, ela quer uma vida melhor... (Orquídea)

A construção de um *ethos* de empoderamento, esperança e superação, fica nítida na mudança de papel do actante. A postura, antes passiva dá lugar a um sujeito agente que, de forma voluntária, busca tratamento por motivos bem definidos e descritos. O uso das formas verbais no passado, presente e futuro, do modo indicativo, evidenciam essa conduta diferente “*Eu não caio*”; “*quero arrumar...*”; “*jamais cairei...*”; “*ela quer...*”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar a construção do *ethos*, a partir das visões de mundo que essas mulheres compartilham entre si e com o universo no qual estão

inseridas. A partir dos dados obtidos, podemos dizer que foram construídas diversas imagens das entrevistadas e de mulheres que vivem na condição de vulnerabilidade por dependência química. Essas mulheres fundamentam suas crenças nas suas próprias experiências, evidenciando, dessa forma, a insegurança e o sentimento de desamparo, por ser mulher e dependente química numa sociedade tão desigual e preconceituosa. Por outro lado, o fato de ter um lugar de apoio, com a possibilidade de serem vistas com outro olhar, desperta um sentimento de esperança e um ethos de empoderamento.

Conhecer e estudar as narrativas de vida de mulheres em situação de vulnerabilidade social é um modo de compreender experiências e visões de mundo peculiares a essa condição, como também, problemáticas inerentes ao gênero feminino, contribuindo para uma discussão necessária acerca do tratamento desigual entre homens e mulheres, tanto na condição de vulneráveis como no meio social, de maneira geral.

Dar visibilidade a ações como esta, através de uma pesquisa científica, é uma forma de trazer à baila, discursos reais, de pessoas vitimizadas e oprimidas por uma sociedade tão desigual, preconceituosa e misógina, possibilitando, através da linguagem, grandes transformações sociais e humanas. Há poucas pesquisas, no universo da teoria Semiolinguística, que investigam como se dá a percepção do universo feminino, a partir da ótica das próprias mulheres, e a possibilidade de relacionar a linguagem com sua exterioridade, numa perspectiva funcional é de grande valia, tanto para o universo acadêmico, quanto para o social.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa nacional – Casa da Moeda, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Conceito, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. (Coordenação da equipe de tradução de Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado). 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

GOMES, Mônica Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 357-363, Apr. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000200013&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000200013>.

MACHADO, Ida Lucia. **Reflexões sobre uma corrente de Análise do Discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. Coimbra, Portugal: Grácio editor, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 11-29.

MOURA, João Benvindo de. **Análise discursiva de editoriais do Jornal Meio Norte, do Estado do Piauí**: a construção de imagens e as emoções suscetíveis através da argumentação. 2012. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte-MG.

MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa. **Discurso, memória e inclusão social**. Recife: Pipa Comunicação, 2015.

Nogueira, M. (2006). Os discursos das mulheres em posições de poder. *Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho*, 9(2), 57-72. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v9i2p57-72>

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. **O ethos do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento [manuscrito]**. 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Minas Gerais. 2008.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 11, n. 1, p. 65-69, Apr. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Aug. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2006000100008>.

SILVA, Marta Aguiar da. **Imaginários sociodiscursivos da mulher em situação de rua na mídia**: uma análise discursiva de notícias de jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro. 2017. 158f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2017. Disponível em <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/11703> Acesso em 05 de julho de 2020.

SPRADLEY, J. **The ethnographic interview**. Forth Worth: Hancourt Brace Jovanovich College, 1979.